

A Copa mexe com o coração brasileiro



A Copa do Mundo na África do Sul está prestes a começar e o torcedor brasileiro prepara a festa em casa, no bairro e no trabalho. Entenda como esse evento esportivo mexe com o brasileiro

Por Karen Rodrigues

A poucos dias do início do maior evento esportivo internacional, o clima no "País do Futebol" já mudou e o assunto é um só: a Copa do Mundo na África do Sul. É inexplicável como a paixão pelo futebol faz os brasileiros mudarem de atitude na época do mundial. Torcedores de times adversários vibram juntos. E pessoas de diferentes classes sociais, religiões e raças ficam na mesma sintonia. Mesmo que a escalção do técnico Dunga tenha desagradado boa parte dos torcedores, que esperavam ver no time craques como Ronaldinho Gaúcho, Adriano, Neymar e Paulo Henrique Ganso, eles continuam acreditando no hexacampeonato mundial.

Mas afinal, o que faz com que acreditem tanto na seleção? Como explicar esse fenômeno, que a cada quatro anos consegue conquistar a atenção até mesmo de quem não gosta de futebol? Para tentar entender a paixão do brasileiro pela Copa do Mundo, buscamos opiniões de torcedores e especialistas no assunto.

No centro da capital paulista

No maior centro de comércio popular da cidade de São Paulo, a Rua 25



Karen Rodrigues

"Temos que acreditar. Botamos fé no time", disse Vanessa Cristina Zampani

de Março, o clima é contagiante. Ao caminhar pelas ruas

e ladeiras, que ganharam as cores da bandeira do País, é impossível não perceber na multidão de pessoas que por lá demonstram um patriotismo que raramente é visto em outra época do ano. Em lojas lotadas, elas se aglomeram em busca de cornetas, camisetas, bandeiras, chapéus, entre outros produtos que estampam o Brasil. E nem o tumulto faz com que os compradores percam o sorriso no rosto quando mencionamos o assunto Copa do Mundo.

Isso pôde ser percebido num trio de mulheres muito animadas que enchem suas cestinhas com artigos verdes e amarelos. E na agitação para definir o que levar, as questionei se estavam confiantes com o hexacampeonato. Um largo sorriso se abriu, e delas pude ouvir respostas positivas: "Temos que acreditar. Botamos fé no time". Num pouco mais de conversa, descobri que Vanessa Cristina Zampani, sua mãe e tia compravam os artigos para enfeitar um buffet, e no clima da Copa iam comemorar três aniversários na família.

A jovem Vanessa, de 31 anos, mora na Itália há 10 anos com o marido, um jogador profissional de futsal, e os dois filhos. Ela tinha chegado ao Brasil há cinco dias e conta que os italianos também são fanáticos por futebol. Porém, para a Copa, ela não os achou tão animados como os brasileiros estão. "Lá eles não falam muito em Copa não. Não sei se eles estavam pensando mais na Champions League, já que um time italiano estava na final, ou porque tinham outros bons jogadores que poderiam ter sido convocados para a seleção italiana e não foram. Aqui está mais animado", definiu Vanessa.

"A Copa do Mundo proporciona sociabilidade", comenta Danilo Ridolfi Paggi



Karen Rodrigues



Amana Salles

No maior centro de comércio popular da cidade de São Paulo, a Rua 25 de Março, as lojas entram no clima do mundial

Ao descer a Ladeira, me deparei com os irmãos Isaac e Ricardo de Amorim, que entusiasmados separavam algumas cornetas e bandeiras, que servirão para enfeitar a choperia que a mãe deles irá abrir em Aracajú, Sergipe. Além de felizes devido à mudança de cidade, eles também estavam empolgados com a Copa. Para Isaac, a paixão pelo mundial se dá porque o brasileiro já nasce com o futebol na cabeça e também nos pés. E Ricardo acredita que apesar do Brasil não ter criado o futebol, ele é a modalidade que o brasileiro mais se identifica e por isso, tem mais vontade de mostrar de gosta.



Karen Rodrigues

Dona Selma (com as bandeirinhas), familiares e o vizinho Robson Filho enfeitam a rua para a Copa

Ainda não está em Clima de Copa do Mundo?

Então você precisa conhecer a festeira Selma Trindade Pereira e sua família. Apaixonada por futebol, ela conta que enfeita a rua para comemorar os jogos desde a Copa de 74. E não pense que essa simpática senhora é dessas mulheres que só acompanham futebol na época de Copa. Tanto ela, quanto as outras mulheres de sua família sempre tiveram o costume de ir ao estádio ver os jogos dos times do coração, com os maridos e namorados.

Dona Selma relembra que até dois anos atrás morava no Planalto Paulista. E foi lá, no mundial de 74, que a brincadeira de decorar o espaço onde morava teve início. “A gente começou com a criançada. Como meus filhos são músicos, nós fazíamos samba na rua e vaquinha para comprar carne pro churrasco, bandeirinha e cada ano aumentava mais. Até as pessoas que não gostavam, começaram a participar”, relembrou. Agora residindo no bairro da Saúde, ela e os novos vizinhos, que na opinião dela parece que já se conhecem “há 200 anos”, arrecadaram dinheiro e durante dois finais de semana se uniram para pintar a rua e pendurar bandeirinhas.

Um dos vizinhos que também agita o pessoal para a comemoração é o corretor de seguros, Robson Filho. Morador da rua há 13 anos, ele disse que, com exceção da Copa de 2006, sempre enfeitam a rua quando chega o mundial. “É bem legal, a rua fica toda unificada. Todo mundo pintando, ajudando”, disse. Na opinião dele, o que o move a dedicar parte do seu tempo e ainda gastar uma grana para decorar a rua, além do futebol que é paixão nacional, é a integração dos vizinhos. “Todo mundo junto fazendo a mesma coisa, tomando água no mesmo copo, é bem bacana. A Copa do Mundo integra e isso que é legal”, afirmou.

Para dona Selma, o que a motiva participar por todos esses anos dos preparativos para os jogos, é a alegria que rege sua família. E com lágrimas nos olhos e a voz embargada ela continua, “a gente se emociona, chora, ri, se abraça, não há nada que pague. Não há dinheiro, não há nada que pague essa alegria. É uma paixão pelo futebol. Não há nada que pague a amizade”, diz emocionada.

Empresas também entram no clima da Copa

Aonde têm brasileiros, certamente têm torcedores da seleção canarinho. E é claro que nas empresas isso não é diferente. Para que os colaboradores também possam torcer nos jogos do Brasil, muitas organizações pretendem modificar sua rotina, sem que isso prejudique os negócios. Uma das empresas que já se prepara para o principal campeonato de futebol

do mundo é a SulAmérica Seguros e Previdência. A seguradora criou um esquema especial, permitindo assim que os funcionários consigam acompanhar o desempenho dos jogadores no mundial. Para os jogos às 15h30, os funcionários serão liberados às 14h, com sistema de compensação de meia hora por dia. E os que serão às 11h, assistirão à partida num telão nas dependências da empresa para que os funcionários torçam juntos. Além disso, a seguradora criou uma série de ações especiais. Segundo a superintendente de Relacionamento e Desenvolvimento, Simone Sartor, há um quiz no portal do funcionário sobre histórias da Copa. “São dez perguntas e os colaboradores que acertarem todas concorrem a camiseta da torcida”, disse.

Outra ação é a troca de figurinhas do álbum da Copa, que acontece das 12h às 13h, as sextas-feiras no espaço Bem Estar. Simone conta ainda que tem o Bola Cheia e Bola Murcha, no qual uma comissão julgadora irá eleger os cinco melhores e piores vídeos de futebol, enviados pelos colaboradores. E para esquentar ainda mais o clima, há um bolão para pri-

meira fase. Os melhores palpites concorrem a mais camisetas.



Divulgação

“A Copa do Mundo é sem dúvida o maior espetáculo esportivo do mundo”, disse o prof. dr. Luiz Carlos Ribeiro

meira fase. Os melhores palpites concorrem a mais camisetas.

De acordo com a superintendente, a seguradora viu na Copa uma oportunidade de agregar ainda mais os colaboradores. “À medida que a gente está favorecendo o funcionário, está beneficiando com oportunidades que pra ele é bem importante. Há vantagens para a empresa. Todo brasileiro gosta de Copa. Até as mulheres que não são chegadas no futebol, na Copa, mudam de comportamento. Entendemos que são ações importantes. Elas agregam os funcionários e dão condições para que assistam a Copa num clima de união”, disse.

Brasileiros aficionados por futebol

Para tentar entender porque o brasileiro é tão apaixonado por futebol, fomos atrás de um especialista no assunto. Conversamos com o coordenador do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o prof. dr. Luiz Carlos Ribeiro. Ele relata que o brasileiro começou a demonstrar a paixão por futebol na década de 30. Nessa época, o futebol já era o esporte mais popular, tirando os esportes mais tradicionais como ciclismo e remo, que eram esportes de clubes sociais, associados aos imigrantes europeus. “Com a constituição de clubes, começam os campeonatos e desde então a década de 30 marca bastante essa popularidade. Claro que associado ao próprio governo Vargas que estimulou muito essa vinculação entre futebol e identidade so-

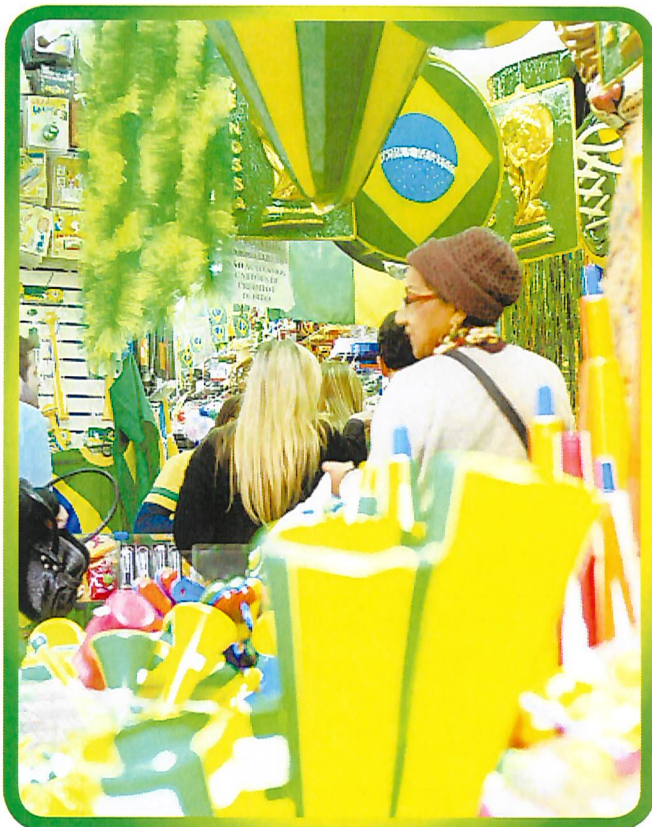
cial”, comentou.

O clima diferente que os torcedores sentem na época de Copa, segundo o professor, não é exclusivo do Brasil. “O futebol é o esporte mais popular do mundo. Não há similar na atividade esportiva, que por si só agregue tantos aficionados”. O ápice desse envolvimento acontece com o mundial. “É de se perceber que a Copa do Mundo é um evento midiático de grande desenvolvimento e grandes recursos. A imprensa investe muito nesse evento, ou seja, ela ajuda a construir o envolvimento”, afirmou.

Na opinião do coordenador, o envolvimento emocional com a seleção brasileira foi mais intenso entre os anos 50 e 80. “Era um fenômeno de paixão muito mais forte. Hoje, diria que ele é menos apaixonado. Até porque esse período que me referi, os meios de comunicação tinham menor penetração, mas eram muito mais envolventes porque a seleção brasileira tinha uma força de representação identitária nacional muito mais forte do que tem hoje”, disse.

Para ele, a explicação disso são os dois aspectos de um mesmo envolvimento: a idéia nacionalista do período. Com a globalização não tem mais aqueles arroubos nacionalista que tinha até a ditadura, nos anos 70 e 80; e no aspecto esportivo, a forte imigração dos jogadores. De acordo com ele, “há 20 anos, qualquer torcedor sabia de cor os nomes dos jogadores da seleção. Hoje, se você me perguntar, nesse momento eu não sou capaz de escalar a seleção com muita facilidade. Alguns são desconhecidos do povo brasileiro e outros, apesar de conhecidos, são pouco vistos, porque não é todo mundo que tem acesso aos jogos internacionais. Então os jogadores Lúcio e Júlio César são esporadicamente visto pela televisão, mas não tem aquela força identitária com o torcedor. É por isso que aconteceu essa resistência popular e da mídia em cima do Ronaldinho Gaúcho e, mais recente, do Neymar. Porque o Ronaldinho é o que todo mundo conhece. E o Neymar é o que o pessoal está vendo na televisão, aqui no Brasil. É a referência”.

A Copa do Mundo é sem dúvida o maior espetáculo esportivo do mundo. “Não acredito nessa história de que o futebol seja uma alienação, uma fuga do brasileiro por não ter condições sociais e usa o esporte como uma catarse. Porque países como a Itália, que tem uma das principais economias do mundo, ou mesmo a Inglaterra que criou o futebol, são fortemente futebolísticos. Então explicar essa paixão do brasileiro é difícil. Não tem uma fórmula. A gente constata, observa, e dessas observações até tira umas frases de efeito. Mas a paixão não tem uma explicação”, conclui.



Amana Salles